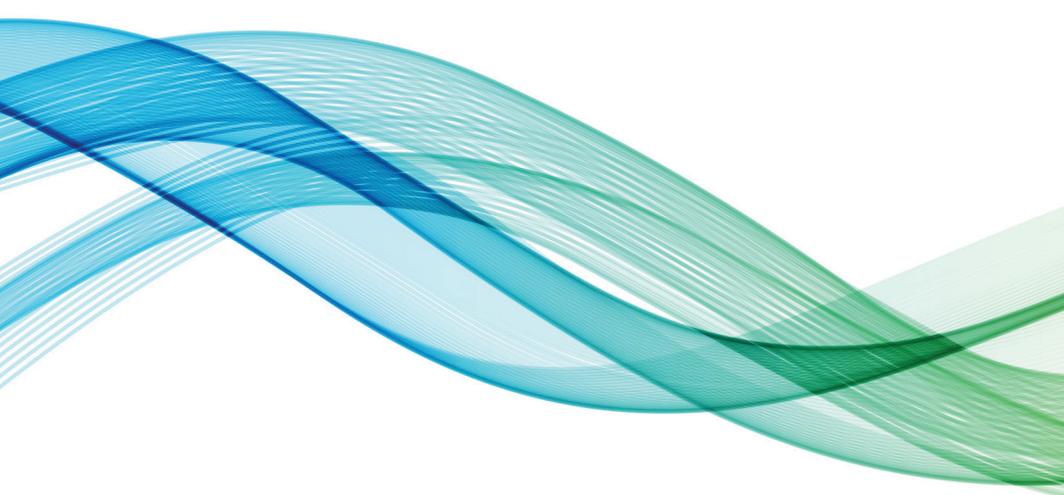


Organizadores

Ignácio A. Paim Filho
Raquel Moreno Garcia

Identificação

Imanência de um conceito



Blucher

IDENTIFICAÇÃO

Imanência de um conceito

Organizadores

Ignácio A. Paim Filho

Raquel Moreno Garcia

Identificação: imanência de um conceito

© 2023 Ignácio A. Paim Filho, Raquel Moreno Garcia

Editora Edgard Blücher Ltda.

SÉRIE PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coordenador da série Flávio Ferraz

Publisher Edgard Blücher

Editores Eduardo Blücher e Jonatas Eliakim

Coordenação editorial Addressa Lira

Produção editorial Luana Negraes

Preparação de texto Gabriela Castro

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Maurício Katayama

Capa Leandro Cunha

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,
julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Identificação : imanência de um conceito /
organizado por Ignácio A. Paim Filho, Raquel
Moreno Garcia. – São Paulo : Blucher, 2023.

302 p. (Série Psicanálise Contemporânea)

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-595-4

1. Psicanálise 2. Orientação sexual
3. Identidade de gênero I. Paim Filho, Ignácio A.
II. Garcia, Raquel Moreno.

23-3528

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Apresentação: Eu, outro mesmo	9
<i>Jacques André</i>	
Argumento	35
<i>Ignácio A. Paim Filho e Raquel Moreno Garcia</i>	
Parte I – A metapsicologia da identificação	43
1. Identificação: imanência de um conceito	45
<i>Ignácio A. Paim Filho e Raquel Moreno Garcia</i>	
2. Do sexual infantil à bissexualidade psíquica	63
<i>Ignácio A. Paim Filho e Raquel Moreno Garcia</i>	
3. Complexo de castração em tempos de novas configurações	87
<i>Ignácio A. Paim Filho</i>	

Parte II – A identificação e suas ressonâncias clínicas	107
4. Homossexualidade: percorrendo as trilhas do pensamento freudiano	109
<i>Augusto M. Paim, Bruna Ferreira Fernandes, Ignácio A. Paim Filho e Liza S. A. Corso</i>	
5. O enigmático e o obscuro tempo da adolescência	137
<i>Adriana Somogyi, Danielle Centenaro, Eliane Deitos, Ítala Chinazzo e Raquel Moreno Garcia</i>	
6. Melancolia e luto: o trabalho de vir a ser...	183
<i>Ignácio A. Paim Filho e Raquel Moreno Garcia</i>	
7. Desejos secretos e indiscretos: a jovem homossexual – a história que segue...	195
<i>Ignácio A. Paim Filho e Raquel Moreno Garcia</i>	
Parte III – Desdobramentos das identificações na cultura	207
8. As diferenças anatômicas entre os sexos têm alguma coisa a ver com as identidades sexuais?	209
<i>Augusto M. Paim e Ignácio A. Paim Filho</i>	
9. Nos processos identificatórios: as questões de gênero	229
<i>Raquel Moreno Garcia</i>	
10. As (nem tão novas) cartografias desejanter e a sexualidade infantil	243
<i>Clarissa Salle de Carvalho, Élvis Bonini, Mariana Biasi, Raquel Moreno Garcia e Tatiane França</i>	

11. O tornar-se mulher: a intrigante história da(s) garota(s) dinamarquesa(s)	263
<i>Ignácio A. Paim Filho, Bruna Ferreira Fernandes e Juliana Ledur Stuck</i>	
Referências	279

1. Identificação: imanência de um conceito

Ignácio A. Paim Filho e Raquel Moreno Garcia

Eu próprio não estou, de modo algum, satisfeito com esses comentários sobre a identificação.

FREUD, 1923/2007, p. 83

Em 17 de dezembro de 1896, em meio às turbulências da sua autoanálise, as inquietações com a clínica – em especial a histeria – e sua disposição de conceber um aparato psíquico, Freud escreve em carta a Fliess: “Na verdade, confirmei uma conjectura [...] acerca do mecanismo da agorafobia nas mulheres ‘públicas’. Trata-se do recalçamento da intenção de apanhar o primeiro homem que passar pela rua: uma inveja da prostituição e identificação” (1896/1969, p. 218). Eis aí o nascimento de um conceito que será central na estruturação do mundo anímico: identificação.

Esse conceito sofreu desdobramentos significativos no decorrer do pensamento freudiano, que ampliaram seu significado e lhe propiciaram um *status* metapsicológico próprio. Ele, no entanto, manteve consigo seu significado original: o outro tomado como modelo, de forma passiva e/ou ativa. Acreditamos que essa concepção faz ressoar um conceito mais antigo, enunciado por Freud

em 1895, em seu *Projeto para uma psicologia científica: o complexo do semelhante*:

Suponhamos que o objeto que compõe a percepção se pareça com o sujeito – um outro humano. Nesse caso o interesse teórico [que lhe é dedicado] também se explica pelo fato de que um objeto semelhante foi, ao mesmo tempo, o primeiro objeto hostil, além de sua única força auxiliar. Por esse motivo, é em relação aos seus semelhantes, que o ser humano aprende a conhecer. (1895/1969, p. 383)

Esse enigmático conceito carrega consigo a premência do outro na estruturação da psique, no interjogo entre o autoerotismo, a bissexualidade narcísica e bissexualidade edípica: “Por isso, por meio do seu semelhante, o homem aprende a reconhecer” (FREUD, 1895, p. 383), ou ainda a se conhecer. A identidade se construindo pelo outro, no outro em mim.

Temos a apresentação dessa proposição nas mais diferentes definições. Por exemplo, Roudinesco e Plon propõem: “processo central pelo qual o sujeito se constitui e se transforma, assimilando ou se apropriando em momentos-chave da sua evolução, dos aspectos, atributos ou traços dos seres humanos que o cercam” (1998, p. 262). Em Laplanche, encontramos: “o sujeito assimila um aspecto uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo do outro” (1992, p. 226). Valls, mantendo essa visão, anuncia: “primitiva forma de funcionamento psíquico e de vínculo com o objeto, que em princípio consiste na ação de tornar-se idêntico. Idêntico a um atributo do objeto ou a muitos” (2009, p. 309). Com essa ideia de modelo que produz transformações no sujeito Freud, configurou-se um constructo teórico de alta relevância para a sua metapsicologia.

Seguindo suas pegadas, teremos, em 1900, no Capítulo IV da *Interpretação*, um momento de assunção das identificações, quando se refere às múltiplas facetas que as constituem – “permite-lhes, por assim dizer, sofrer em nome de toda uma multidão de pessoas e desempenhar sozinhas todos os papéis de uma peça” (FREUD, 1900/1969, p. 163) – e sua vinculação com o inconsciente. Nesse momento, temos a primeira grande demarcação estrutural desse conceito inovador da psicologia das profundezas: “Assim, a identificação não constitui uma simples imitação, mas uma assimilação baseada numa alegação etiológica semelhante; ela expressa uma semelhança e decorre de um elemento comum que permanece inconsciente” (FREUD, 1900/1969, p. 164). Esse elemento inconsciente, decorrente do encontro da pulsão com o objeto, passa a ser marca distintiva do processo identificatório que, ao ser elaborado pelas diferentes configurações desses atributos, estabelece o intercâmbio entre o *ser* como objeto e o *ter* o objeto. É prenúncio do que será enunciado em 1938 [1940] nos achados do seu espólio: “‘O seio é parte de mim, eu sou o seio’. Somente mais tarde: ‘Eu o tenho’ – quer dizer, ‘eu não sou ele’...” (p. 335).

Por essas trilhas, visando validar o jogo simbólico entre o *ser* e o *ter*, Dora (1901) surge como uma possibilidade, ainda que pouco trabalhada por Freud no quesito da identificação. Entretanto, encontramos nesse material clínico todo um processo identificatório entre Dora e as figuras do seu romance familiar, composto pelo pai, uma mãe presente na sua ausência, o senhor K e a senhora K. Contudo, no caso do Pequeno Hans e do Homem dos Ratos (FREUD, 1909/1969), a temática das identificações ressurgiu com mais vigor. Nesses, temos relatado, por exemplo, o temor dos cavalos e o desejo de ser um cavalo, ou seja, ser o pai. No Homem dos Ratos, esse jogo entre o *ser* e o *ter* é ricamente trabalhado à luz do complexo de Édipo direto.

Mas foi em 1910, em Leonardo – “uma lembrança da sua infância” –, que Freud se debruçou sobre esse tema, fazendo-o trabalhar e convertendo-o num dos pilares fundantes da sua metapsicologia em construção, ou seja, o lugar das figuras parentais e sua função determinante na constituição do psiquismo. Freud trabalhou de maneira exaustiva a vivência infantil do menino Leonardo, entregue quase exclusivamente aos cuidados maternos – momento de corroborar sua tese da mãe como a primeira grande sedutora –, delimitado pela ausência do pai. Esse cenário será um dos elementos centrais para a tese freudiana sobre a gênese psíquica da homossexualidade: tomar a mãe como modelo de identificação (ser) e o pai como objeto do desejo (ter): “O menino reprime seu amor pela mãe; coloca-se em seu lugar, identificando-se com ela” (FREUD, 1910/1969, p. 92). Recalcando seu amor pela mãe, coloca-se em seu lugar, identificando-se com ela, e toma a si próprio como um modelo a quem deve assemelhar-se. Os novos objetos de seu amor – um retorno ao autoerotismo – serão então figuras substitutivas e lembranças de si: meninos que ama, assim como fora amado – escolha narcisista de objeto: primórdios da concepção das identificações narcísicas.

Esse estudo sobre Leonardo foi desdobrado, no quesito identificação, no caso do Homem dos Lobos (1910-1914). Neste, deparamo-nos com a clínica, dando vitalidade às ideias freudianas, que trabalha as repercussões traumáticas do encontro precoce de Serguei com a cena primária. Esse contexto delineou o caminho a ser seguido na constituição e resolução do complexo de Édipo desse jovem russo. Freud, balizado pelas suas concepções sobre as identificações, trabalhou, na teoria e na clínica, o duplo aspecto do processo edípico: direto e invertido. Foi um momento significativo para integrar sua teoria da bissexualidade com as vicissitudes da problemática edípica, em seu duplo trânsito entre Narciso e Édipo. Com o Homem dos Lobos, é posta uma metapsicologia que

permite articular o jogo identificatório com as múltiplas facetas que constituem o feminino e o masculino.

Contudo, se faz necessário sinalizar a presença do trabalho *Totem e tabu* (FREUD, 1913/1969) como fator de ligação entre esses textos e, ao mesmo tempo, o lugar de precursor das ideias que estavam por vir no trabalho do narcisismo (1914). Foi o momento de propor uma espécie de antropologia psicanalítica para o complexo de Édipo, centrada na interdição do desejo incestuoso e parricida, constitutivo do sujeito e da ordem cultural: o mito das origens, que tem o assassinato do pai da horda pelos filhos que retornam do exílio como seu marco inaugural – “no início foi o ato” (FREUD, 1913/1969, p. 191). Com esse ato posto, efetua-se a refeição totêmica – a incorporação do pai morto – por todos os filhos. De posse desses atos, os filhos determinam estas duas leis: ninguém ocupa o lugar do pai, representado no totem, e ninguém tem acesso às mulheres do pai. Esse campo dá sustentabilidade à máxima freudiana: “O pai morto torna-se mais forte do que fora vivo” (FREUD, 1913/1969, p. 271). Esse momentoso processo põe em marcha o caminho que vai da endogamia para a exogamia. Portanto, a incorporação passa a estar vinculada à fase oral canibalística, que faz dela precursora de todo o processo identificatório, conforme exposto por Freud em 1915, em adendo aos *Três ensaios* “o alvo sexual consiste na incorporação do objeto – modelo do que mais tarde irá desempenhar, sob a forma de identificação, um papel psíquico tão importante” (1905/1969, p. 186).

Com esse intercâmbio entre clínica e teoria, Freud se debruçou, em 1914, sobre o tema do narcisismo, em que o papel da identificação primária ganha maior significação. O ser identificado a partir da intervenção do outro passa a ser determinante na constituição do Eu. A polêmica sobre a especificidade, não especificada por Freud, da “nova ação psíquica” (FREUD, 1914/2014, p. 99)

incita muitas leituras, com destaque à que decorre da identificação primária. Tal proposição ganha validade com a concepção do narcisismo primário que constitui o Eu ideal, em função do investimento parental, centrado nos mandatos endogâmicos: “Tens de ser...”. Entretanto, com o advento do narcisismo secundário, balizado pelas identificações secundárias, emerge o Ideal-eu: “Não sou, mas vou ser...”.

Nesse jogo entre clínica/teoria e teoria/clínica, são lançadas as bases para fundamentar e avançar em nossa compreensão das identificações. Como já foi dito, *Sobre o narcisismo – uma introdução* (1914) põe em relevo uma concepção teórica que permite demarcar com maior clareza o lugar do objeto na estruturação da psique pela via do processo identificatório. Com esse suporte, o texto *Luto e melancolia* (1915-1917/1969) redesenhou a questão identificatória. Essa questão terá extensas repercussões a partir de 1920. O aprisionamento às identificações narcísicas – alienantes – surge como elemento metapsicológico que tem a melancolia como seu mais explícito representante. O trabalho da melancolia torna-se paradigmático da impossibilidade de acontecer o assassinato simbólico dos objetos primários. Esse contexto foi eternizado na célebre expressão: “Assim a sombra do objeto caiu sobre o Eu” (FREUD, 1915-1917/1969, p. 108). Enquanto isso, o processo do luto, o seu trabalho, desvela o lugar estrutural da perda para consolidar a identificação, que faz a travessia da heteronomia para a autonomia.¹

1 Essa expressão está presente no artigo de Freud de 1915/1917, fazendo o contraponto ao trabalho do luto. Tomando-a como referência, mais além da patologia da melancolia, acreditamos que esse trabalho poderá ter dois grandes destinos: direcionar-se para o trabalho do luto e/ou seguir de eterno em seu labor interminável, pela busca da completude que outrora lhe fora prometida. Nessa trajetória, nos avizinhamos das ideias contidas no artigo *Complexo*

Em 1919, ressurgiu, depois de dez anos, o texto *O estranho e*, com ele, a sinistra temática do duplo. A problemática identificatória adquire maior consistência. O narcisismo primário retorna como fundante da constituição do Eu, ratificando o poder do investimento parental, no vir a ser do sujeito. É enunciada de forma contundente a dúplice função do duplo: um primeiro momento protetor, a importância de viver a plenitude; e o aconchego de ser Narciso, diante do pulsional desgarrado de nossas origens, o desamparo absoluto. Entretanto, seguir sendo esse ser majestoso torna-se embaixador da própria morte psíquica. Nesse sentido, Freud exemplifica a tenacidade da perpetuação das identificações narcísicas, que, como sabemos, são produtos do investimento dos objetos primordiais: “a identificação com uma outra pessoa, de modo a equivocar-se quanto ao próprio Eu ou colocar um outro Eu no lugar dele, ou seja, duplicação, divisão e permutação do Eu – enfim, o constante retorno do mesmo” (1919, p. 351).

Fechando a segunda década e inaugurando a terceira década do século XX, Freud nos brindou com o texto *Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina*. Neste, a exemplo do trabalho sobre Leonardo (1910), fez uma leitura da estruturação da novela familiar de uma jovem homossexual de 18 anos. Por esse caminho, buscou validar a psicogênese da homossexualidade feminina em decorrência de uma identificação com o pai, um forte “complexo de masculinidade” (1920/1976, p. 185), buscando a mãe

melancólico: o anseio da alma (PAIM FILHO *et al.*, 2018), cujos autores propõem a melancolia como estrutura de base. Ao fazê-lo nesses moldes, partem do pressuposto de que todos nós carregamos, em nossa alma, a impossibilidade da elaboração plena da perda dos objetos primários, a perene nostalgia que nos habita: “Assim podemos pensar o complexo melancólico como esta busca – sempre fracassada e dolorosamente vivida por um objeto perdido e de existência parcial” (2018, p. 95).

como objeto do desejo. Nesse processo, a corrente heterossexual sucumbiu à corrente homossexual:²

Portanto desde os anos precoces sua libido fluía em duas correntes, das quais a que está na superfície pode ser chamada de homossexual. Provavelmente essa era a continuação direta, sem alteração, de uma fixação infantil na mãe. [...] também transportou a corrente heterossexual, mais profunda, para a homossexual, manifesta. (Idem)

Merece destaque que, nessa narrativa, Freud retomou as ideias esboçadas, em 1920, em nota de rodapé aos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), em um diálogo com Ferenczi, marcando as diferenças entre heteroerotismo/homoerotismo de sujeito – identificação – e heteroerotismo/homoerotismo de objeto – escolha de objeto.

A virada para a década de 1920, além de trazer à luz o conceito de pulsão de morte, convocou Freud a se ocupar da problemática das identificações de maneira mais incisiva. Aquilo que até então vinha sendo abordado em algumas linhas e em muitas entrelinhas passa a ser tratado diretamente. Sendo assim, em 1921, a identificação galgou um lugar próprio, no Capítulo VII da *Psicologia das massas e a análise do Eu*, com desdobramentos nos Capítulos VIII, X e XI. Nesse último, as relações entre o amor objetal e o processo das identificações constitui tema nuclear. Foi o momento de receber uma definição, de vir a ser conceito: “A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (FREUD, 1921/1969, p. 133). Logo em seguida agrega: “O primeiro tipo de laço, portanto, já é

2 Essa temática segue sendo pensada no Capítulo 3 do presente livro.

possível antes que qualquer escolha sexual de objeto tenha sido feita” (p. 134).

Freud transitou da antropologia social à antropologia psicanalítica, inspirado em Le Bon, que aborda o poder da massa – a alma da raça na vida anímica do sujeito, sujeitado a partir da potência da massa que nele recruta progressões de moções pulsionais, bem como processos de contágio, com sua manifestação na sugestibilidade, uma sorte de fascinação para esse sujeito imerso. Aqui, a referência se faz a um sujeito autômato e carente de vontade, revelado pelo fenômeno das massas.

Da psicologia das massas/macosmos ao processo do indivíduo/microcosmos, Freud trabalha a anatomia estrutural do psiquismo, propondo a referência ao outro como um modelo, um objeto, uma ajuda, um inimigo – enfim, sobre a relação do sujeito com seus próximos (família, objeto de amor, mestres, médicos), constituindo-se como fenômenos individuais e sociais, a saber, o Anímico narcisista e o Anímico social, ou seja, a influência de uma pessoa ou da massa sobre o indivíduo, tendo a família como o polo atrator. Foi à luz do conceito de libido que Freud teceu sua compreensão da psicologia de grupo, tendo como vínculos de amor a essência da alma das massas ligadas pelo poder de Eros, que mantém unido tudo o que existe no mundo. Em consequência, a sugestão recíproca, a imitação e o contágio encontrarão como fundamentos Eros, libido, força de união. Para tanto, ocorre a perda do sentimento de individualidade em prol da intensidade afetiva e o consequente incremento do afeto e a inibição do pensamento científico.

Como já havia proposto anteriormente, a massa é caracterizada por ligações libidinais, e toda relação afetiva aporta um caráter sempre ambivalente, uma dificuldade com as diferenças, mas quando um grupo se forma, diz Freud, “a totalidade da intolerância

se desvanece, temporariamente ou permanentemente, dentro do grupo” (1921/1969, p. 129). Os membros do grupo igualam-se, constituindo a limitação do narcisismo que aponta para o laço libidinal com os outros. A referência nesse ponto é para a força da pulsão de morte, quando cita, em *Além do princípio do prazer*, a luta entre ódio/agressividade e amor, do egoísmo ao altruísmo. Então, na massa, a força da pulsão sexual se apresenta como meta desviada, dessexualizada, qual seja, a identificação.

Nesse texto, está posta a complexidade do processo das identificações. Encontraremos nele a forma primeira e mais originária de laço afetivo, a primeira exteriorização de uma ligação do indivíduo com uma pessoa. Essas identificações desempenham um papel na pré-história do indivíduo, na história primitiva do complexo de Édipo, definindo quicá a história do sujeito.

Nessa trilha edípica, a relação do menino com a mãe é de investimento de objeto sexual direto e, com o pai, de identificação, tomando-o como modelo. Ambos convivem e, diante da força unificadora da vida mental, acabam por se reunir, e o complexo de Édipo se origina de sua confluência. A identificação constitui um processo ambivalente, tecido de ternura e da necessidade, ainda que irrealizável plenamente, da eliminação da ardente paixão edípica. Esse processo é derivado de um tempo oral da organização libidinal, um tempo de incorporação/devoração, amar/devorar. A identificação aspira configurar o Eu à semelhança do outro, algo de fascinação, devoção, servidão e autossacrifício (FREUD, 1921/1969).

Buscando a compreensão desse fundamental e complexo processo das identificações, Freud sintetiza sua singular dinâmica em três vertentes: primeira, a identificação enquanto forma original de laço emocional com um objeto; segunda, a identificação que se constitui, por uma via regressiva, como introjeção do objeto no

Eu, quando a escolha de objeto retroage em identificação; e terceira, quando o Eu assume características do objeto, bem como quando alguma qualidade comum é partilhada com outra pessoa que não é objeto da pulsão sexual direta.

Seguindo na estruturação das suas ideias, em 1923, ao abordar a constituição do Eu e do Supereu, Freud resgata e amplia a discussão que fizera a respeito da melancolia. Propõe que grande parte da constituição do Eu se dá por certo processo de substituição, a saber, uma carga de investimento depositada no objeto recolhida e substituída por uma identificação. Dessa forma, explicita uma definição metapsicológica para o Eu: “A partir dele, poderíamos supor que o caráter do Eu seja, na verdade, um precipitado destes investimentos recolhidos dos objetos dos quais se desistiu. Assim poderíamos dizer que o Eu contém a história dessas escolhas objetais” (FREUD, 1909/1969, p. 41). Trata-se do Eu detentor dessa história das escolhas objetais, qual seja, a conversão de libido objetal em libido narcísica, que trará consigo uma dessexualização, desistência das metas sexuais, uma forma de sublimação. Freud aponta para a patologia, quando as intensidades dessas identificações numerosas e incompatíveis produzem a fragmentação do Eu ou conflitos entre as diferentes identificações que concorrem em seu interior.

Freud afirma o caráter duradouro das primeiras identificações, remetendo ao surgimento do Eu ideal, que é o herdeiro do ideal do Eu e que contém a primeira e mais significativa identificação do indivíduo com o pai da própria pré-história pessoal: “ela é uma identificação direta e imediata, anterior a qualquer investimento de objeto” (1909/1969, p. 42). Essa identificação primária se constituiu a partir das escolhas objetais, dirigidas pelas figuras parentais. Portanto, devemos levar em conta tanto a estruturação triangular da relação edípica quanto a disposição à bissexualidade constitutiva do indivíduo.

É que certo grau de hermafroditismo anatômico faz parte da norma; em nenhuma pessoa normalmente desenvolvida, homem ou mulher, faltam traços do aparelho do outro sexo [...]. A concepção resultante desses fatos anatômicos há muito conhecidos é a de uma predisposição originalmente bissexual, que no curso do desenvolvimento foi se transformando em monossexualidade, com alguns resíduos do sexo atrofiado. (FREUD, 1905/1969, p. 29)

Teríamos a bissexualidade psíquica com sua soberania incontestável promovendo o fecundo jogo das identificações no núcleo inconsciente do Eu? Acreditamos que sim, apesar do paradoxo assinalado por Freud ao abordar a complexidade e a dificuldade da vivência edípica, diante do Édipo completo, direto e invertido, às custas da disposição bissexual original da criança. Freud advoga que essa intrusão da bissexualidade dificultaria a percepção das identificações e as consequentes escolhas objetais primitivas. Temos então:

A experiência analítica nos mostra que, em um certo número de casos, um ou outro componente do complexo desaparece, deixando rastros quase imperceptíveis, de modo que teríamos um arco, no qual uma das extremidades contém os casos em que prevalece o complexo de Édipo normal e positivo e a outra contém os casos em que o complexo de Édipo aparece invertido e negativo. Ao longo do arco se situariam os casos em que a forma completa do Édipo se compõe de uma mescla dos dois componentes em proporções variáveis. Ou seja, quando da dissolução do Édipo, as quatro vertentes que o compõem se combinarão de modo a

resultarem em uma identificação materna e paterna.
(FREUD, 1923a/1969, p. 44)

Entretanto, entendemos como dificuldade que incita o rumo a percorrer os amores e ódios possíveis subsidiados pelo caldeirão das paixões arcaicas, daquilo que teriam sido estímulos vividos na pele, que ganharam o estatuto de excitação, para nunca arrefecer, mas minimamente alcançar alguma transformação na dimensão psíquica do ser.

Ao passo que propõe o complexo edípico positivo/normal e, em outra versão, aquele que seria negativo/invertido, Freud (1923a/1969) também alude a uma forma completa, constituída por uma mescla dos componentes em proporção variável. Apesar de manter a referência às predisposições inatas, supõe:

como resultado mais comum dessa fase sexual regida pelo Complexo de Édipo, encontraremos no Eu um precipitado que consiste do produto dessas duas identificações de alguma forma combinadas. Essa mudança que no Eu terá, dali em diante, um papel especial, apresentando-se frente ao outro conteúdo do Eu na forma de Ideal-de-Eu ou de um Super-Eu. (p. 44)

Quando propõe essa concepção a respeito da estruturação do mundo psíquico em instâncias, Freud aponta para a compreensão e descrição das relações dinâmicas que atuam na vida psíquica e, assim como o Id, o Eu também está sujeito à influência e ao poderio das pulsões. Ele, portanto, sugere “que essa energia deslocável e não diferenciada, atuando possivelmente tanto no Eu quanto no Id, provenha do estoque de libido narcísica” (1923a/1969, p. 53). Temos, então, o Eros dessexualizado, as pulsões eróticas com sua

plasticidade, desviáveis e deslocáveis em relação às pulsões destrutivas.

Essa libido dessexualizada consiste em energia sublimada conforme a especificidade de Eros: unir e atar. Dado que esse processo de sublimação é intermediado pelo Eu que orchestra os primeiríssimos investimentos do Id, ele absorve a libido desses investimentos e a liga à modificação/substituição promovida em seu interior. Trabalhando sobre as dependências do Eu e corroborando as afirmações anteriores, Freud reitera: “o Eu se erige, em grande parte, a partir das identificações que entram no lugar dos investimentos de carga que o Id abandonou” (1923a/1969, p. 56). E acrescenta que essas primeiríssimas identificações constituiriam uma instância especial, contrapondo-se ao Eu, enquanto Supereu, produto da primeira identificação em tempos de incipiência do Eu, bem como o herdeiro do complexo de Édipo: “foi ele quem introduziu os mais grandiosos objetos no Eu” (p. 56). Uma reminiscência da antiga fraqueza e dependência do Eu.

Nas dependências do Eu, estão força e fraqueza. O Eu se enriquece com o vivenciar das experiências do externo, oriundas do mundo externo e do Id, às quais o subjuga parcialmente. Além de drenar a libido do Id, transmuta em formações do Eu os investimentos que o Id havia depositado nos objetos. Assim, em seu desenvolvimento, o Eu parte das percepções imediatas das pulsões até alcançar as condições de controle sobre elas. Ele passa da subserviência à inibição das intensidades pulsionais.

Diante das duas espécies de pulsões, Freud propõe que o Eu, trabalhando nos processos de identificação e sublimação,³ aju-

3 A sublimação é abastecida pela *pulsão sexual*, reforçada pela pulsão agressiva liberada do encontro e desencontro do jogo pulsional entre Eros, tentando ligar e transformar, e pela pulsão de destruição, tentando romper e desconectar.

dará as pulsões de morte a dominar a libido no Id. Contudo ele deve, para tanto, estar abastecido de libido enquanto representante de Eros, em seus três tempos constitutivos: ser amado, amar a si mesmo e amar o outro.

O trabalho do luto versus o trabalho da melancolia: a problemática identificatória

Ter e ser na criança. A criança gosta de expressar a relação de objeto pela identificação: “Eu sou o objeto”. O ter ocorre depois; após a perda do objeto, retorna ao plano ser. Exemplo: seio. “O seio é parte de mim, eu sou o seio”. Somente mais tarde: “Eu o tenho” – quer dizer, “eu não sou ele...”

FREUD, 1938/2014, p. 205

Após ter percorrido os fundamentos metapsicológicos da identificação, no pensamento freudiano, vimo-nos compelidos a trabalhar a especificidade do trabalho do luto na sedimentação do processo identificatório com sua perene imanência. Este é compreendido como o processo que viabiliza o trânsito das identificações primárias, isto é, as alheias, para as secundárias, as próprias. Sem esse trabalho, não há uma autêntica autoria na constituição do Eu. Diante da sua não efetivação, se dará a regressão ao território onde impera o trabalho da melancolia, com suas identificações alienantes. Nas palavras de Freud proferidas em 1938 e achadas em seu

Como resultante desse processo, teremos a criação do objeto sublimatório: criar o não criado, pensar o não pensado. Como sabemos, este é o substituto do objeto originário, possibilitando ser oferecido para o mundo e ter o reconhecimento por parte deste. Remetemos o leitor ao nosso trabalho *Sublimação: um desafio metapsicológico* (PAIM FILHO et al., 2016).

espólio,⁴ encontramos, como um lembrete final, uma reafirmação do lugar do luto nesse processo e, em consequência, do lugar do estado melancólico, quando não se reconhece a perda: “O ter ocorre depois; após a perda do objeto, retorna ao plano ser”. Escutemos: “retorna ao plano do ser, após a perda do objeto”. Perder o objeto é o trabalho que implica o luto, que está posto na lúcida expressão de Freud: “‘Eu o tenho’ – quer dizer, ‘eu não sou ele...’. Enquanto isso, na vigência do trabalho da melancolia, só resta ao sujeito seguir cumprindo o mandato endogâmico, que, pela transformação no contrário, se expressa nos seguintes moldes: “O seio é parte de mim, eu sou o seio” (FREUD, 1938/2014, p. 205).

O psiquismo, então, se estrutura pelas perdas/separações/re-núncias, que fornecem garantias para que o Eu inconsciente e o Eu pré-consciente se constituam em uma organização. Assim sendo, vai se formar um sofisticado conglomerado de representações de si mesmo, resultado do investimento libidinal do outro, e, com todo um processamento altamente metabólico, agora em amálgama, o núcleo do Eu, o precipitado dos investimentos objetivos abandonados. Portanto, na consolidação do processo pelo trabalho do luto, o Eu se torna efetivamente livre, desde o constitutivo luto de seus objetos primeiros até o necessário luto das perdas na vida, quando este Eu volta a funcionar com maior independência.

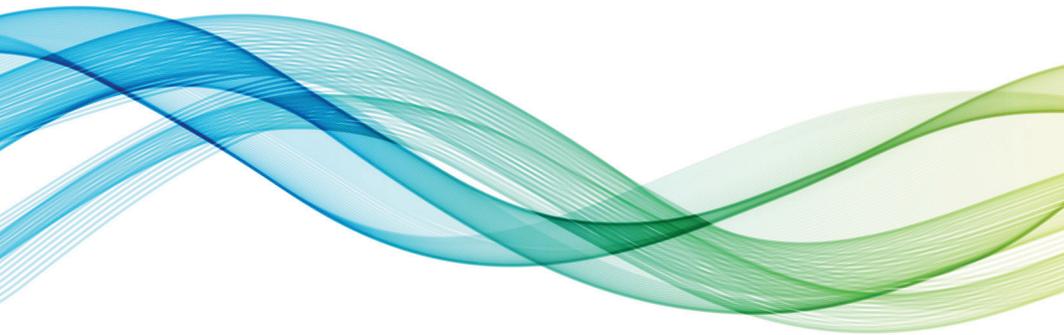
4 Quando se exilou em Londres, Freud concluiu o seu *Moisés e o monoteísmo* (1934-1939), mas também foi encontrada, em seu espólio, uma folha solta com algumas frases isoladas, algumas vezes pouco claras – datadas de 16 de junho a 22 de agosto de 1938 –, que traz como título: *Resultados, ideias, problemas*. Entre essas, estava a frase de nossa epígrafe. Diante desse contexto, atrevemo-nos a ponderar que Freud, até o final da vida, estava inquieto com as identificações e sua íntima relação com o luto do objeto perdido. Por essa linha associativa, compreendemos que nos deixou como legado a necessidade de problematizar e construir ideias em busca de novos resultados.

Encontraremos, por outro lado, na expressão da melancolia, o dramático, o enigmático processo insuficiente de um Eu em se constituir em um Eu com autonomia. Alienado ao poder do objeto, borram-se as diferenças, uma perda impossível de ser suportada e transformada, e o Eu sucumbe a uma aderência, reverenciando o objeto fascinante, ideal, impossível de ser amado/odiado – cenário da servidão e do autossacrifício, o de seguir enunciando a máxima que diz: “Eu sou o objeto”.

Nessa afecção, pelos caminhos percorridos pela libido, em sua composição com a pulsão de destruição, diante do desaparecimento do objeto e da impossibilidade de vivenciar esta perda/separação, os investimentos não são dirigidos a outro objeto, mas recolhidos para dentro do Eu. Assim se produz uma identificação do Eu com o objeto perdido, porém não abandonado/renunciado – perpetuando o trabalho da melancolia. E, tendo como desfecho a impossibilidade de renunciar ao amor/servidão ao objeto soberano, esse amor refugia-se na identificação narcísica, de forma que agora atua com ódio sobre esse objeto substituto, ou seja, o próprio Eu, humilhando-o. Nesse sentido, estão estabelecidas as condições para o exercício da tirania contra si próprio, a partir da instância crítica, o Supereu, com seu masoquismo moral: “Acreditamos que, nas duas situações opostas, a paixão e o suicídio, o eu, embora por vias totalmente diversas, acaba sendo sobrepujado pelo objeto” (FREUD, 1915-1917/1969, p. 111). Portanto, na composição do trabalho melancólico, teremos três ingredientes indispensáveis: perda do objeto, ambivalência e regressão da libido ao Eu. Contudo, a intensidade da ambivalência, associada ao traumático vivido com os objetos primários, será o grande diferencial no trabalho do luto.

Trata-se do trabalho da melancolia, processo radical e deletério, inerente a toda cria humana, que, em sua versão possível – o luto –, encontra um terreno fértil que forja condições para o vir

a ser das identificações. Os jogos identificatórios, combustível da vida, promovem plasticidades no emprego da libido, no seu intrincamento com a pulsão de morte. Portanto, pensar as velhas e novas configurações psíquicas implica necessariamente pensar o processo identificatório e sua efetivação mediada pelo trabalho do luto *versus* o trabalho da melancolia. Tudo isso tem por escopo que a constituição da psique requer um trabalho contínuo de apropriação e desapropriação de nossa herança, que se fez proeminente a partir do investimento do outro, o nosso semelhante. Essa tese expressa está em Freud de forma poética, a partir das suas leituras de *Fausto*, de Goethe: “Aquilo que herdaste dos teus pais, conquista-o para fazê-lo teu” (FREUD, 1913/1969, p. 188).



As ideias aqui tecidas são um convite ou, ainda, uma convocação para nos debruçarmos sobre a problemática das identificações, conceito imanente que se mantém permanente como delineador central na constituição do sujeito. Nesse processo, tomamos como ponto de abertura a pensar freudiano e buscamos fazer um diálogo indagativo e investigativo com o nosso tempo. Tempo que nos tem propiciado a possibilidade de conhecer e/ou reconhecer as diversas formas de apresentação e configuração da sexualidade infantil que nos constitui. Trabalhando essa proposição, endereçada a todo aquele que tenha a curiosidade de saber um pouco mais sobre si mesmo, percorremos os caminhos tortuosos, mas fascinantes, da metapsicologia, da clínica e da cultura, em seu trânsito identificatório, entre contínuo e descontínuo do pensar e do fazer psicanalíticos.

série

PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coord. Flávio Ferraz

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-595-4



9 786555 065954



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Identificação

Imanência de um conceito

Ignácio Paim Filho, Raquel Moreno Garcia (Org.)

ISBN: 9786555065954

Páginas: 302

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023
